

Apresentação

Lugares do olhar

Conta antiga fábula hindu que seis cegos, pesarosos por não poderem ver o elefante – que ouviam dizer ser bonito, muito grande, forte e incapaz de fazer mal – convenceram um mercador a deixá-los tocar o animal que conduzia, convencidos de que, pelo tato, seriam capazes de, enfim, conhecer aquele bicho tão respeitado na Índia. Cada um, então, posicionou-se em uma parte do elefante, tocando, cuidadosamente, toda a extensão que conseguiam alcançar com as palmas de suas mãos. Porque só eram capazes de tocar uma pequena parte, chegaram a diferentes conclusões sobre a forma do elefante.

Li repetidas vezes, quando criança, uma versão desta fábula em forma de versos, sempre intrigada com a incapacidade dos cegos chegarem a uma mesma conclusão. Minha alma infantil, informada, reclamava a certeza de um conhecimento unívoco.

Quando comecei a organizar o dossiê sobre Educação Estética o título *Lugares do Olhar* aconteceu primeiro e guiou minha escolha dos autores: diferentes geografias e diversas áreas do conhecimento. Minha intenção era colocar para o leitor a possibilidade de construir seu olhar a partir de múltiplos pontos de vista e, terminada a tarefa de reunir os textos, traduzir, revisar, vem-me à lembrança a história do elefante. Sortilégios da memória?

Apesar da necessidade evidente de ampliar o campo, não existiu, em nenhum momento, a intenção de uma visão panorâmica sobre a Educação Estética.

Acredito que chegamos mais próximos a um caleidoscópio, onde fragmentos luminosos se alternam, combinando formas e cores, para criar imagens de peculiar singularidade. A cada movimento novas possibilidades se apresentam. Temos aqui reunidas reflexões sobre projetos no campo da educação, da psicologia e da arte: uma experiência de ensino a duas vozes na Escola de Belas Artes de Paris, outra de criação de um currículo que privilegia a imaginação criativa na Faculdade de Belas Artes da York University em Toronto, o confronto com a realidade do Serviço Educativo dos Museus no Rio de Janeiro e as atividades das crianças numa oficina de arte na Dinamarca. Temos também textos teóricos no campo da psicologia e da filosofia: Jung e Merleau-Ponty, outros que apresentam conhecimentos

produzidos pelas imagens de Giorgione, Chagal e El Greco. E, finalmente, um relato singular *Certamen Vigorosun*, que mistura ficção e realidade, *quase* uma metáfora do universo acadêmico.

Lugares do olhar, parece-me agora, foi um título que se impôs pela própria natureza do dossiê. Estética vem do grego *aesthesis* que significa sensopercepção. Um conhecimento construído pelos sentidos e pela percepção vem, necessariamente, de lugares diferentes e leva-nos a diferentes territórios. Nenhuma unanimidade, portanto, é possível ou fecunda.

Para Mario de Andrade, isto acontece “porque realmente, em arte, a regra deverá ser apenas uma norma e jamais uma lei. O artista que vive dentro de suas leis será sempre um satisfeito. E um medíocre.” Acrescentando adiante: “É preferível ficar na entressombra fecunda, que é só onde podem nascer as assombrações”.

As “assombrações” aparecem aqui em muitos dos textos em forma de sonhos, lembranças, dúvidas, paradoxos, terreno nebuloso, que Gustavo Barcellos diz ser “mercurial, marcada no signo de Hermes, que revela e oculta ao mesmo tempo: coração e mente simultaneamente”.

Sabemos, no entanto, que o desejo de um conhecimento unificador, capaz de fazer cessar toda procura persiste, apesar dos fundamentalistas estarem demonstrando, o tempo todo, que é um desejo destrutivo. E o relato de Christian Gaillard leva-nos a refletir que a necessidade de uma verdade única pôde insinuar-se mesmo entre os estudantes de arte, apesar de seu idílico projeto de ensinar a duas vozes. Justamente entre aqueles de quem se esperaria, visto a matéria com que trabalham, maior disponibilidade para a diversidade de idéias. E não pára aí: mostra-nos, também, como os professores podem ser, ainda que inconscientemente, orientados pelo desejo de validar *um* conhecimento perante sua classe.

Se é exatamente “na diferença sensível existente entre o eu e o outro que se afirma a identidade”, conforme propõe Frayze-Pereira, que as diferenças entre os artigos aqui reunidos revelem a identidade deste *Lugares do olhar*.

Ana Angélica Albano
nanalbano@uol.com.br